

O ÚLTIMO REDUTO

Andei meio por baixo, sem pé de apoio, atordoado com a pancada na cabeça que o destino me deu. Triste, pensando na vida, principalmente na morte, chorei bastante sem ter pejo. Ainda estou dolorido e revoltado. Só tive um irmão (o Zito Negrão), um cara bom, que fazia o bem anonimamente, com quem convivi por mais de sessenta e cinco anos, no aero-club, na Faculdade de Direito e no Fórum. Tivemos interesses e sonhos comuns. Sofremos e rimos juntos. Sempre moramos na mesma cidade, andando pelos mesmos caminhos, sofrendo as mesmas dores e querendo os mesmos ideais. No mês de agosto, ele viajou, foi embora, não sei para onde, se para Deus ou para o nada... Fiquei inteira e definitivamente só. Pela terceira vez me atingiu o sentimento da orfandade, da solidão. É terrível estar só, embora tudo seja previsível e inelutável.

Muitos anos atrás, quando nos preparávamos para ingressar na Faculdade de Direito de São Paulo, tivemos como professor um homem notável (Dr. Tranqüilo Tranquili) pelo saber, pela visão panorâmica e profunda da vida. Foi o velho mestre que nos deu as coordenadas para uma existência feliz e racional.

Quando estou em dificuldades, engolfado pelo desespero, sem rumo, procurando o norte, lembro de seus ensinamentos, de suas palavras. Geralmente, encontro soluções ou, pelo menos, consolo.

Nesta fase cinzenta, pelo milagre da memória, parece que ainda estou assistindo a uma de suas últimas aulas. Um dos colegas de classe tinha perdido, num desastre, seu velho pai. Estava inconsolável, cheio de revolta, de medo, de insegurança, com os olhos perdidos no infinito, sem interesse por nada. O professor Tranquilo, humano como era, resolveu ampará-lo. No final da preleção, como se apenas se dirigisse para a classe, discorreu sobre a vida, sobre a morte, "encarou" a alegria e a tristeza, dissecou o desespero e o entusiasmo. Mencionou o ensinamento árabe (maktub), pelo qual não podemos dispor de nada, nem suprimir ou acrescentar um segundo à existência, pois tudo está escrito de antemão. No final, o mestre sábio, embora escondendo uma lágrima furtiva, fez uma afirmação surpreendente: tenham calma e resignação, que os mortos passam. E nem poderia ser diferente, pois, caso contrário, ninguém suportaria o peso do sofrimento, a avalanche da tristeza.

Agora, estou emergindo. Voltei a equilibrar-me, não sinto mais, tão agudamente, o impacto da solidão. O sol da vida está cicatrizando tudo, graças a Deus. A família e os amigos

ajudaram muito. Um pequeno grupo de fiéis leitores me estimulou. Em casa, nas ruas, nos bancos, sempre ouvi, reiteradamente, as mesmas palavras: Como é Rubão, cadê as crônicas? Você não escreve mais? Sentimos a falta de seus escritos simples e diretos. Neste passo, um agradecimento especial aos meus três filhos, que me levaram pescar no pantanal de Mato Grosso do Sul. Lá reencontrei a mãe terra e as suas forças, beleza e ternura invadiram meu sangue e meu coração, povoando meus olhos e mente com as imagens maravilhosas.

Diziam os sábios gregos que tudo vem dos quatro elementos: terra, ar, fogo e água. Lá longe, no Passo do Lontra, às margens do Rio Miranda, encontrei de novo as forças máximas que geram a vida e tudo que existe. Benditos os gregos que souberam sintetizar e o professor que me ensinou a parar de chorar.

E para provar que me reequilibrei, depois destas lamentações, aí vai uma pequena crônica.

O ÚLTIMO REDUTO

Sempre gostei de pescaria. Parece que a coisa é genética. Nos raros momentos de folga, meu lazer sempre esteve na beira dos rios: São Lourenço, Ribeirão dos Porcos,

Paranazão, Rio Grande, Araguaia e Miranda. Nesses lugares, vendo a eternidade das águas, as matas, ouvindo os pássaros, os bichos, disputando com os peixes furtivos, encontrei a beleza, a calma, as melhores amizades.

Compreendi, depois de muitos anos, que a pescaria não acontece somente nos barrancos dos rios ou nos botes. A gente pesca em casa, nos bares, nas compras dos anzóis e linhas. O que vale são a preparação, as conversas intermináveis, as mil coisas que formam a "tráia". A rigor, a pescaria é como o amor: vale mais a preparação do que o ato em si. O relacionamento físico é um mero detalhe. Já estou pescando antes de ir à beira do rio. Já estou amando quando penso nela e a desejo.

Muito bem! Pescaria sempre foi privilégio dos homens. Como no clube do Bolinha, mulher não entrava. Agora, tudo está mudado e não sei se isso é bom ou mau. As mulheres estão invadindo todos os setores e atividades, tomando nossos lugares e posições. Médicas, advogadas, cientistas, literatas, políticas, militares e até frentistas de postos de gasolina... Nós, os machistas convictos, estamos sendo sitiados, espremidos e vencidos.

Quando vou à Mogi das Cruzes, os filhos me levam a pescar no canal de Bertioga, onde vejo nos barcos dezenas de mulheres, com seus molinetes, competindo com os homens. No

rio Araguaia acontece a mesma coisa e, à noite, elas invadem os bares para beber chopes e conversar sobre os sucessos piscatórios do dia.

Recentemente, no rio Miranda (Mato Grosso do Sul) quase um terço dos pescadores era de mulheres (filhas, esposas, netas). São fortes, bonitas, decididas e o pior é que aprenderam pescar.

A desgraça do feminismo começou em 1960. De lá para cá, as fulanas empinaram o nariz, tomaram a direção dos carros, pois o que elas gostam de rua não está escrito. É uma loucura, inclusive a existência de clubes de mulheres (televisão), onde as mais saídas vão assistir "strip tise" de homens.

Outro dia um amigo dileto me informou sobre sua última ida ao Rio Coxim, onde foram dois casais, lá ficando 4 dias. Não é que a danada da mulher dele pegou dois pacus, daqueles criados, enchendo de vergonha os machos da comitiva.

A verdade é que elas, as atrevidas, tomaram de assalto nosso último reduto: a pescaria. O mundo está perdido!